

Resenha

“J.M. Coetzee, *Diário de um Ano Ruim*”

Silviano Santiago

Se fosse concedido à literatura brasileira o direito de existência no mundo letrado ocidental, a melhor crítica do *Diário de um ano ruim*, de J. M. Coetzee, teria salientado o parentesco com o papel do romance machadiano em seu tempo. À semelhança de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), o último romance do premiado autor sul-africano, hoje naturalizado australiano, questiona a organização tradicional do livro de ficção. Cada página do *Diário de um ano ruim* está dividida, primeiro, em dois blocos paralelos e, a partir da página 33 até o final, em três blocos. Cada um dos blocos é semi-autônomo, embora os três, conjuntamente, não se apresentem desprovidos de afinidades óbvias ou sutis, a serem desenvolvidas pela imaginação e a habilidade do leitor. Cada página e todo o livro são compostos como “unidade tripartida”, para retomar a idéia trabalhada em escultura por Max Bill.

Na parte superior das páginas, em seqüência, temos 51 curtos ensaios filosófico-literários, na maioria das vezes de teor político. Eles versam sobre as pequenas e as graves questões universais que, durante o período que vai de setembro de 2005 a maio de 2006, esquentaram as mentes cidadãos e a mídia impressa e eletrônica. Dos filósofos Thomas Hobbes e Machiavel, que discorrem sobre o Estado moderno, o autor passa ao filme *Sete samurais*, de Kurosawa, e à anarquia, ao terrorismo e ao *apartheid*. Detém na vergonha nacional, obra consciente do presidente Bush e elogia o destemor de Harold Pinter na crítica à invasão do Iraque. Não se esquiva diante de questões superdelicadas, como as que cercam os aborígenes australianos, ou a pedofilia (tema este recorrente em seus melhores romances, como *O mestre de Petersburgo*). Em tiradas e raciocínio que beiram o politicamente incorreto, as reflexões traduzem as idéias-de-cabeceira (se me

217

“J.M. Coetzee,
*Diário de um Ano
Ruim*”

Silviano Santiago

permitem a expressão) do romancista experiente e premiado, já tomado pelos anos. O envelhecimento do autor, ou o novo empreendimento ficcional, é visto como “um esvaziamento da mente para assumir tarefas mais importantes”.

A parte superior das páginas e do romance se apresenta como respostas do escritor à encomenda feita a ele – e a mais cinco outros escritores – por editora alemã, interessada em publicar livro a ser intitulado “Opiniões fortes”. Como se informa: “Seis escritores eminentes [estariam] se pronunciando sobre o que está errado no mundo de hoje”. Na reflexão sobre Harold Pinter, detentor do Nobel, esclarece o autor: “E chega um momento em que o ultraje e a vergonha são tão grandes que todo calculismo, toda prudência, são superados e a pessoa precisa agir, isto é, falar”.

Abaixo dos curtos ensaios e em pequenos blocos paralelos, encontra-se a trama propriamente romanesca do *Diário de um ano ruim*. Está escrita na primeira pessoa. No bloco do meio de cada página, o próprio autor fala do encontro inesperado com Anya, bela vizinha de condomínio. No momento, ela vive com Alan, um consultor na bolsa de valores de Sidney. Está armado o trio amoroso. O encontro casual com Anya despertou no escritor paixão incontrolável. Para tê-la ao lado, oferece-lhe a função de digitadora do livro que escreve para a Alemanha. O segundo segmento do romance se afirma pela fricção entre as idéias fortes do velho e a leitura do manuscrito pela jovem. Lê-se no segundo bloco: “O que começou a mudar desde que eu entrei na órbita de Anya não são tanto minhas opiniões em si, mas minha opinião sobre minhas opiniões”.

Sempre na mesma página, o terceiro bloco, o de baixo, é escrito do ponto de vista de Anya e irá traduzindo o dia a dia do jovem casal, que foi sendo tomado pela presença insidiosa, embora escrupulosa, do velho escritor. Menos escrupuloso é Alan, que invade o disco rígido do computador. Pelas trapaças do companheiro, Anya e o leitor ficam sabendo que o velho é milionário e pouco experiente em termos de aplicação financeira. As amarras sentimentais do casal se desfazem pelas fraudes imaginadas e perpetradas pelo consultor na bolsa de valores, sem que Anya opte sentimentalmente pelo escritor. Ao final do romance, o leitor está diante de três seres solitários.

Por que nos referimos a Machado de Assis? Foi ele que, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, clamou por um leitor que pudesse transitar com tranquilidade entre capítulos reflexivos, como “O delírio”, e capítulos romanescos, sem desprezar um tipo ou o outro

de dicção durante a leitura de romance que se propunha de vanguarda em tempos de estética realista-naturalista. *Brás Cubas* não busca o grave leitor de filosofias nem o frívolo leitor de ficção. Busca uma mistura dos dois – o grave e o frívolo ao mesmo tempo. Escreve Brás Cubas (e poderia ter escrito Coetzee em prefácio): “Acresce que a gente grave achará no livro as aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião”.

Ao ser escrito pela mistura de “reflexão” e de “anedota”, para retomar os termos machadianos, *Diário de um ano ruim* pode desconcertar tanto o leitor grave (só interessado na parte histórico-reflexiva que se encontra no bloco superior das páginas) quanto o frívolo (apenas interessado nos dois blocos paralelos, anedóticos e sentimentais, que vêm abaixo). Caso a ironia machadiana fosse levada às últimas conseqüências, é o caso de dizer que o leitor frívolo deveria saltar todos os 51 ensaios filosófico-literários e se contentar com os dois segmentos propriamente romanescos do *Diário de um ano ruim*. E vice-versa. Irônico e péssimo conselho. É a unidade tripartida da nova ficção de Coetzee que vale e conta.

Estamos diante de romance audacioso na abrangência, extremamente bem pensado nos detalhes e bem composto na totalidade, escrito com a pena da erudição, a elegância de artista da palavra e o convencimento didático de ex-professor universitário. *Diário de um ano ruim* encanta pelo que faz o leitor refletir sobre a atualidade do planeta globalizado e pelo que faz o leitor sentir sobre as trapaças do amor em tempos de individualismo, informática e Bovespa. Pode, às vezes, lembrar o intrincado mundo teatral e romanesco de Samuel Beckett, embora dele se desprenda pelo apego às ondas do cotidiano, isto é, ao circunstancial da História universal.

Se alguma ironia deve ser trabalhada nesta resenha, que o leitor atente ao fato de que as “opiniões fortes” – até mesmo no teor politicamente incorreto que exibem – surgem em momento decisivo do pensamento ocidental, tomado pelo “*pensiero debole*” (pensamento débil), para retomar a fina análise sobre a atualidade feita pelo filósofo Gianni Vattimo. Portanto, as “idéias fortes” não só dialogam positivamente com o ceticismo do nosso Machado como também, agora em evidente negação, com o relativismo proposto pelo filósofo italiano. O “anarquismo quietista pessimista” do artista hoje australiano entra em conflito com a palavra débil e incerta da filosofia atual.

Como está no conto “As margens da alegria”, de Guimarães Rosa, e como se lê no mini-ensaio “A vida política na Austrália”: “Os olhos do artista se voltam, em última análise, não para a competição, mas para o verdadeiro, para o bom e para o belo”. Confundem-se com os olhos platônicos do homem de espírito, do “*cler*”, para retomar o vocábulo de Julien Benda.

Ao reclamar para a ficção o direito de buscar um sentido estável e definitivo para a reflexão subjetiva, Coetzee não se aproxima da escrita engajada (sempre pré-determinada ideologicamente pelos acidentes e incidentes do presente), tal como proposta por Julien Benda, em *A traição dos homens de espírito* (*La trahison des clercs*). Tampouco procura se apoiar nas reflexões controladas pelas metodologias, ditas científicas, da economia, da sociologia e da política, de que são arautos autoritários e passageiros – e muitas vezes incautos – nossos financistas e cientistas sociais neoliberais, ou não. Coetzee quer reencarnar a audácia político-filosófica da ficção literária intempestiva, projetada no Ocidente pelos mestres do romance russo, como Tolstoi e Dostoievski.

Aliás, são os dois romancistas, juntamente com a escritora sul-africana Antjie Krog, que recebem os melhores aplausos nos ensaios curtos. Esclarece o romancista: “Na África do Sul, assim como na Rússia, a vida pode ser miserável, mas como o espírito valente se levanta para reagir!” Páginas adiante, ele retorna aos mestres: “Com o exemplo deles somos artistas melhores. Eles aniquilam nossas pretensões mais impuras; eles esclarecem nossa visão; eles fortalecem nosso braço”.

Por não poder discutir em detalhe, numa resenha, o ideário de Coetzee, insisto no lugar privilegiado e na função sócio-política que ele reclama para o escritor – ou seja, para a estética drapejada pela ética – no debate contemporâneo das idéias.

Em notável reflexão sobre Tony Blair, Coetzee salienta que para o primeiro ministro “a política é a arte do possível” e, em seguida, lembra que, segundo o inglês, “a política não é para medrosos, entendendo por medrosos as pessoas que relutam em trair princípios morais”. Nesse sentido, acrescenta Coetzee, “a política é incompatível com a verdade”. E conclui: “É sempre o chamado princípio de realidade que essas pessoas invocam; as críticas a eles são sempre desprezadas como idealistas, pouco realistas”.

Como fica o ficcionista diante do quadro lamentável? Ao se chafurdar na lama da política, Coetzee esbraveja: “Mas como pode essa fome [de verdade] ser satisfeita por

um mero escritor, quando o alcance dos fatos do escritor é geralmente incompleto ou incerto, quando seu próprio acesso ao que se chama de fatos se dá provavelmente via mídia, dentro do campo de forças políticas, e quando, metade do tempo, ele está, por vocação, tão interessado no mentiroso e na psicologia da mentira quanto na verdade?”

Sob o comando de sucessivos paradoxos, que eu próprio tentei dramatizar sob a forma lógica de “o falso mentiroso”, eis aí a grandiosidade do dilema que enfrentaram os grandes escritores do passado, como Machado de Assis e Tolstoi, e deve enfrentar o jovem escritor que se quer atual, desprotegido, necessário, temerário e intempestivo. Que se afunde nas águas encapeladas do *Diário de um ano ruim*.

Nota:

Essa resenha já foi publicada no Caderno *Idéias, Jornal do Brasil*, em 5 de julho de 2008.